



Maria João Durão editor

COR ESPAÇO URBANO ARQUITECTURA E DESIGN



LAB•COR
laboratório da cor



COR ESPAÇO URBANO ARQUITECTURA E DESIGN

Maria João Durão editora



LAB•COR
laboratório da cor

Título

Cor: Espaço Urbano, Arquitectura e Design

Editor

Maria João Durão

Editor Convidado

Fernando Moreira da Silva

Conselho Editorial

Filipa Santos | Simone Maffei Simacek |
Verónica Conte | Zélia Simões

Conselho Científico

Annamaria di Cara – Design Centre Enmore, Sydney Tafe | Byron Mikellides – The School of Architecture, Oxford Brookes University | Carl Jennings – University of Hawaii, Kapiolani | Diana Soeiro – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa | Fernando Moreira da Silva – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa | Filipa Santos – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa | Joaquim Santos – Universidade Lusíada de Lisboa | Jose Luis Caivano – Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de Buenos Aires | Maria João Durão – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa | Mário Kong – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa | Natacha Antão Moutinho – Escola de Arquitectura, Universidade do Minho | Nuno Alão – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa | Pedro George – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa | Ralf Weber – Technische Universität Dresden | Robert Hirschler – SENAI Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil | Simone Maffei Simacek – UNISO, Universidade de Sorocaba | Stephen Westland – University of Leeds | Valter Cardim – IADE, Universidade Europeia | Verónica Conte – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa | Zélia Simões – Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa.

Design Gráfico

Filipa Santos | Helena Soares

ISBN

978-989-755-650-0

Iconografia

A editora procurou atender às condições impostas pela lei para o uso de ilustrações. Não obstante, quem deseje fazer valer quaisquer direitos sobre este material, está convidado a entrar em contacto com a editora.

Revisão Linguística

Lili Cavaleiro | José Duarte

1ª edição, Julho 2021**Edição**

Edições Húmus, Lda.
Apartado 7081
4654-908 Ribeirão, Portugal
m (+351) 926 375 305
e humus@humus.com.pt
w edicoeshumus.pt

APCOR – Associação Portuguesa da Cor
Rua Sá Nogueira | Campus Universitário da Ajuda
1349-063 Lisboa, Portugal
e apcor@apcor.org
w apcor.org

Grupo de Investigação de Cor e Luz
CIAUD – FA-ULisboa
Rua Sá Nogueira | Campus Universitário da Ajuda
1349-063 Lisboa, Portugal
e gi.corluz@fa.ulisboa.pt

Laboratório da Cor
CIAUD – FA-ULisboa
Rua Sá Nogueira | Campus Universitário da Ajuda
1349-062 Lisboa, Portugal
e labcor@fa.ulisboa.pt
w labcor.fa.ulisboa.pt

Copyright © 2021 associação portuguesa da cor

Reservados todos os direitos. Nos termos do Código dos Direitos de Autor, é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por quaisquer meios, incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

Este livro segue a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

Apoio Institucional

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

CIAUD
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia





07	PREFÁCIO	
13	RESUMOS	
25	ARTIGOS	
27	O Ensino de Luz e Cor em Arquitectura: Objectivos, Metodologia e Resultados João Pernão	
41	Cuidar da Fachada, Cuidar da Cidade: Pintura Participativa em Buenos Aires Verónica Conte	
53	A Cor na Habitação Social: Percursos de Descoberta Cristina Pinheiro	
67	Porto: Harmonias e Memórias Cromáticas na Cidade Helena Soares	5
85	Bairro Alto: Proposta Cromática Filipa Santos Zélia Simões	
103	A Cor na Cidade: Qualidades Simbólicas e Ambientais Rui Barreiros Duarte	
117	Atmosferas de Beleza Mística na Obra de Barragán Maria João Durão	
127	As Cores da Eternidade na Arte e Arquitectura Islâmica Sarah Frances Dias	
143	Nova Metodologia de Planeamento Cromático para Mobiliário Urbano Margarida Gamito Joana Sousa	
163	BIOGRAFIAS	



prefácio

Cor: Espaço Urbano, Arquitectura e Design é uma publicação sobre a cor, em edição bilingue (português e inglês), em volumes separados, com um conselho científico internacional de investigadores, para divulgar a pesquisa desenvolvida na área multidisciplinar da cor realizada na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Esses estudos, desde a fase embrionária, regem-se por objectivos que respeitam o progresso do conhecimento dos fenómenos da cor e uma utilização prática e sustentável dos seus resultados no ambiente.

A cor é ubíqua na natureza e sempre presente na nossa vivência, consciente ou inconscientemente. A terra, o mar, o céu, o cosmos possuem cor nos seus elementos constitutivos que os animais e os humanos procuram interpretar e utilizar, quer na realidade material quer na virtual, para efeitos biológicos, cognitivos, estéticos, simbólicos, culturais, civilizacionais, psíquicos, espirituais e epistemológicos. A própria substância cromática existe no reino animal, mineral e vegetal. Mesmo onde não há luz, os animais subaquáticos adaptaram-se à produção de luz e cor e ao reconhecimento respectivo, para sua sobrevivência.

Não é de estranhar, portanto, que a cor seja tema de estudo numa gama vasta de áreas do conhecimento: artes plásticas, arquitectura terrestre e aeroespacial, planeamento urbano, cinema, teatro, realidade virtual, iluminação, luz, design de equipamento, design de comunicação, design da moda, têxteis, tintas e pigmentos, cerâmica, fisiologia, neurofisiologia, biologia, visão, ergonomia, química, psicologia, história, simbólica, estética, fenomenologia, sociologia, antropologia, linguística, marketing, publicidade, geografia, colorimetria, webdesign, nanotecnologia, tecnologias dos materiais, tecnologias dos audiovisuais e múltiplas outras aplicações à Arte, Ciência e Tecnologia. 7

A Faculdade de Arquitectura – à data pertencente à Universidade Técnica de Lisboa – foi mundialmente pioneira na criação do Mestrado em Cor na Arquitectura. Deste embrião seguiu-se a fundação de órgãos conviventes no mesmo ambiente de interesse pela investigação da cor. Com movimento em espiral e aumento de raio, seguiu-se-lhe a Associação Portuguesa da Cor – membro da International Colour Association (2003), o Laboratório da Cor (2004) e o Grupo de Investigação de Cor e Luz

(2016), integrados no CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design), da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.

Se, na fase inicial, a investigação se inscrevia em temáticas de mestrado, ela viria a envolver a sociedade em projectos de doutoramento e pós-doutoramento, de que a pedagogia foi a sua primeira expressão. Actualmente, a Faculdade de Arquitectura conta com projectos de investigação académicos, empresariais, industriais e outros – nacionais e internacionais – acolhidos nestes três organismos, a par da intervenção pedagógica em licenciaturas, mestrados, doutoramentos e pós-doutoramentos – dentro e fora da Faculdade de Arquitectura de Lisboa –, com divulgação no ensino a nas vertentes práticas em projectos realizados nos três grandes domínios da arquitectura, das artes e do design.

Este livro inicia-se com o artigo de João Pernão “O Ensino de Luz e Cor em Arquitectura: Objectivos, Metodologia e Resultados”, decorrente da sua experiência de quinze anos de ensino da matéria de Luz e Cor na Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Os processos desenvolvidos através da prática de elaboração de Estudos de Cor integrados em projectos de arquitectura tornam possível a definição de uma metodologia que assegura resultados coerentes e bem fundamentados. Estas estratégias destinam-se a interessar e motivar os estudantes de Arquitectura para o uso da cor e desenvolve-se em

três partes distintas – Desconstrução, Construção e Aplicação dos Conceitos –, contando com um enquadramento teórico multidisciplinar e com uma componente prática em que se utilizam os projectos comuns que os alunos desenvolvem na Unidade Curricular de Laboratório de Projecto. A consultoria existente em projectos de arquitectura estabelecida através de protocolos entre a Faculdade de Arquitectura de Lisboa e diversas entidades exteriores, abre um campo de inter-relação entre teoria, ensino e prática, revelando-se enriquecedor na dinâmica pedagógica.

Contextualizado no projecto de Doutoramento em Design, “Cuidar da Fachada, Cuidar da Cidade: Pintura Participativa em Buenos Aires”, Verónica Conte discorre sobre três intervenções em fachadas residenciais dessa capital que serviram de suporte à investigação sobre processos participativos e criativos de transformação da fachada arquitectónica. Junto com os agentes motivadores dos projectos, a escolha e aceitação das fachadas e das propostas de cor são debatidas e pensadas pela população local. A pesquisa integra entrevistas com os actores e utilizadores, focando-se nas intervenções de pintura das paredes que transformam a imagem da cidade e favorecem a expressão individual e popular, de singularização e revitalização do espaço público, bem como de desenvolvimento de laços entre participantes. Assim, exploram-se traços culturais, devolvem-se memórias e criam-se novas identidades de lugar, sobre-

tudo para as comunidades locais. O estudo dá relevância ao processo da pintura em si, por ser revelador da envolvimento e da responsabilidade cívica e servir de inspiração para outros processos de design.

“A Cor na Habitação Social: Percursos de Descoberta”, de Cristina Pinheiro, reconhece a importância da cor como factor decisivo de melhoria do ambiente urbano, por afectar o bem-estar das pessoas e influenciar o comportamento e o equilíbrio emocional, e mostra que a aplicação da cor deve ser conscienciosa, ter critérios que a fundamentem e ser orientada por princípios baseados no conhecimento científico. A dissertação de Mestrado em Cor na Arquitectura que esteve na base deste artigo, responde a questões como a de quais sejam os critérios e fundamentos utilizados pelos projectistas nas decisões cromáticas e na execução de planos de cor, a de se a cor fez parte da fase conceptual dos projectos e a de que princípios têm orientado a sua aplicação nos bairros sociais de Lisboa. Os resultados da pesquisa indicam que a cor pode, e deve, exercer uma influência positiva nos utentes, aumentando-lhes a auto-estima, contribuindo para a sua integração social e emocional.

Integrada na investigação da dissertação de Mestrado em Cor na Arquitectura, a temática que Helena Soares elege, “Porto: Harmonias e Memórias Cromáticas na Cidade”, alinha-se com a metodologia de Jean-Philippe Lenclos

e apresenta uma experiência de aproximação do ambiente construído ao conceito de ‘lugar’. Realçando as memórias cromáticas e os valores simbólicos cromáticos, o Porto é revelado em três períodos representativos da sua evolução urbanística e arquitectónica. Assim, centrada nas qualidades cromáticas da arquitectura, uma análise do espaço visual identifica os elementos que influenciam a formação de imagens definidoras do carácter de lugar. Estes elementos arquitectónicos conduziram a sínteses cromáticas dos ambientes, respeitando os atributos da cor e as relações de contrastes cromáticos. A qualidade estética do lugar foi aferida a partir de quadros sinópticos, e a intervenção de três escalas de observação – percepção global, percepção elementar e percepção de detalhe –, num enquadramento de integração histórica, cultural e estética. 9

“Bairro Alto: Proposta Cromática”, de Filipa Santos e Zélia Simões, apresenta uma reflexão sobre o fenómeno da cor e da luz no Bairro Alto – núcleo histórico da cidade de Lisboa. O estudo desenvolvido na parte curricular do curso de Mestrado em Cor na Arquitectura circunscreve algumas ruas e travessas cuja localização possibilita a análise da relação entre si e com o exterior do bairro: Rua da Rosa, Rua Diário de Notícias, Rua da Atalaia, Rua das Gáveas e a Travessa da Queimada. Sustentado nos fundamentos teóricos e metodológicos de Jean Philippe Lenclos, Dominique Lenclos e Antal Nemcsics, a contextualização do lugar integra

pontos de vista históricos, estéticos, sociais e funcionais, salvaguardando aspectos regionais e geográficos identitários. A inventariação e determinação das frequências e valores cromáticos no espaço urbano e arquitectónico permitiram enumerar um conjunto de considerações e criar uma paleta que foi testada graficamente numa rua-tipo, constatando-se a importância de adoptar uma metodologia de planeamento de luz e cor interdisciplinar do espaço envolvente através do reconhecimento e estabelecimento de relações de harmonia.

“A Cor na Cidade: Qualidades Simbólicas e Ambientais”, de Rui Barreiros Duarte, aborda as qualidades simbólicas e ambientais da cor na cidade, num texto sobre conjuntos de variáveis do lugar e condições do uso da cor que interagem com determinantes conceptuais estabelecidas a partir da antropologia cultural, das tipologias culturais ou de aculturação, dos mercados, do gosto e da sensibilidade. A fenomenologia, a semiologia e a sociologia intersectam a perspectiva meramente física da cidade e da arquitectura. Conclui-se que o significado, a incidência e a influência exercida pelas cores dependem de relações de carácter fenomenológico, cultural e perceptual. Para a compreensão do uso da cor na cidade também se consideram importantes os conceitos identitários, os novos mitos e as novas ideologias, o pensamento arquitectónico subjacente ao discurso estético e a simbologia codificada na adequação dos materiais e tecnologias de cor e luz.

“Atmosferas de Beleza Mística na Obra de Barragán”, de Maria João Durão, debruça-se sobre as atmosferas cromáticas na obra arquitectónica de Luís Barragán, cuja arquitectura se encontra saturada das cores do México, numa tentativa mística de reconstruir o Paraíso terreno, onde o ser humano se encontre em comunhão com a natureza, e, desse modo, consiga a serenidade de espírito, ante o mistério da insegura existência ontológica. Na obra de Barragán, a beleza mística resulta da sensível interligação de memórias pessoais e colectivas dos ambientes ancestrais, míticos e ritualizados da arquitectura pré-hispânica. As atmosferas são acedidas no plano do misterioso e do onírico, cujas qualidades metafísicas continuam a ancestralidade da tradição e das memórias colectivas, que Barragán assumiu para as transmutar no seu trabalho único e intemporal.

“As Cores da Eternidade na Arte e Arquitectura Islâmica”, de Sarah Frances Dias, trata as relações entre a luz, a geometria e a cor enquanto agentes da transcendência das fronteiras mundanas para a consciência do divino e das dimensões espirituais. Tal como sucede na natureza, a luz só é totalmente revelada através da geometria e da cor: a geometria é a estrutura pela qual a luz se manifesta e a cor é a essência que materializa a beleza intangível, no espaço sagrado, pelos seus significados simbólicos, metafísicos e espirituais. O artigo apresenta exemplos de que as cores, a geometria e a

luz não são apenas três essências indivisíveis, mas antes são os meios essenciais através dos quais a espiritualidade islâmica se manifesta fisicamente como transcendência.

“Nova Metodologia de Planeamento Cromático para Mobiliário Urbano”, de Margarida Gamito e Joana Sousa, explora a aplicação de cor no mobiliário urbano, de acordo com uma metodologia cromática que permite o seu destaque do respectivo meio envolvente, através da melhoria da legibilidade, identificação e orientação nas cidades. A avaliação da metodologia é feita por grupos de foco compostos por, entre outros, habitantes locais, de diferentes idades e géneros, especialistas em aplicação de cor, técnicos municipais, arquitectos, urbanistas, designers de equipamento, arquitectos paisagistas, engenheiros. Os resultados promovem uma abordagem mais rigorosa de planos de cor para mobiliário urbano e dão um contributo para a identificação das cores na cidade.

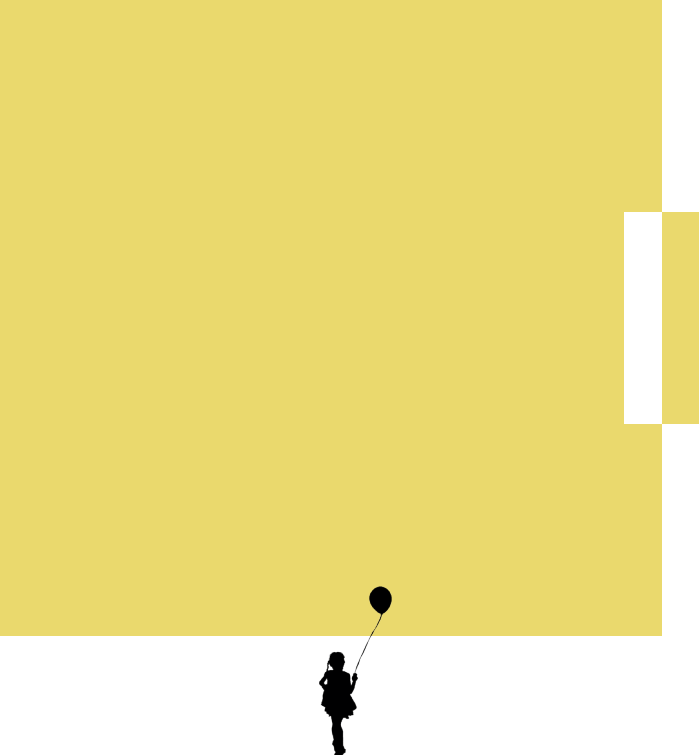
Cumpre, por fim, saudar realizações desta natureza, pois trazem sempre contributos para a ciência da cor e a sua utilização criteriosa, além dos consequentes efeitos benéficos para a melhoria do espaço urbano e o desenvolvimento da arquitectura, do design e das artes. Por outro lado, constituem um incentivo a que surjam novos estudos, actualizando e desenvolvendo a informação. Por estas razões, aqui se felicita o Professor Catedrático Fernando Moreira da Silva, Presidente do CIAUD, por ter

aceite desempenhar a função de Editor Convidado deste volume e se releva a cooperação frutuosa entre a APCOR – Associação Portuguesa da Cor, o Grupo de Investigação de Cor e Luz e o Laboratório da Cor, da FA-ULisboa.

Saudações cromáticas,

A Editora
Maria João Durão





RESUMOS

O ENSINO DE LUZ E COR EM ARQUITECTURA

OBJECTIVOS, METODOLOGIA E RESULTADOS

João Pernão

Este artigo discute os objectivos, a metodologia e os resultados obtidos após quinze anos de ensino da matéria de Luz e Cor na Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa. Ao longo destes anos foi possível testar, ajustar e estabelecer um critério de abordagem a esta área do conhecimento e à sua introdução na prática do ensino numa escola de Arquitectura, que importa agora divulgar.

Uma vez que reconhecemos ao longo destes anos de ensino que o conhecimento generalista sobre a luz e a cor se encontra minado de ideias pré-concebidas, muitas delas incorrectas, o processo de enquadramento teórico começa por estabelecer uma *tabula rasa* sobre a qual se constrói uma nova argumentação que será depois operacionalizada na elaboração de Estudos de Cor para Arquitectura.

14 A Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa é pioneira na investigação desta área, contando com o Grupo de Investigação de Cor e Luz; com um Laboratório de Cor; com uma reconhecida divulgação no ensino em diversos ciclos de estudos (Mestrado e Doutoramento); e com uma vertente prática de consultadoria em projectos de arquitectura, integrada em protocolos entre a faculdade e diversas entidades exteriores. Este ciclo entre teoria, ensino e prática revela-se muito profícuo para todas estas vertentes, permitindo no campo pedagógico utilizar os exemplos da prática para ilustrar os conceitos teóricos.

Para a concretização dessa vertente prática são ensinados diversos processos e instrumentos a um grupo de trinta estudantes cada ano, durante um semestre (catorze sessões de três horas cada), desde a fase de levantamento, ao registo, à simulação digital e à comunicação do Estudo de Cor através de relatórios e de desenhos específicos. Estes processos, desenvolvidos através da prática de elaboração de Estudos de Cor integrados em Projectos de Arquitectura, tornam possível a definição de uma metodologia que assegura resultados coerentes e bem fundamentados.

CUIDAR DA FACHADA CUIDAR DA CIDADE PINTURA PARTICIPATIVA EM BUENOS AIRES

Verónica Conte

Num contexto onde os recursos são insuficientes e o poder local é incapaz de fazer face às exigências do espaço público, intervenções artísticas/cromáticas em fachadas de arquitectura residencial na cidade de Buenos Aires, feitas por mão de moradores, artistas e organizações não-governamentais revelam-se excepções na promoção e cuidado da fachada arquitectónica. O presente artigo pretende dar atenção a três dessas intervenções: *Calle Lanín* (Bairro Barracas), levada a cabo pelo artista Marino Santa María; *La Villa 20 es una pinturita* (Favela Número 20), monitorizada pelo artista Martín Roisi; e *Barracas Pinta Bien* desenvolvida pela associação civil Más Color (Bairro Barracas).

Concluiu-se que, apesar da sua pequena representatividade espacial no tecido da cidade, intervenções desta natureza podem converter as fachadas em referências visuais locais e singularidades, legitimadas pela componente artística e pela participação pública que geram. Através

da actualização ou manifestação de elementos de identidade local, das cores e dos conceitos propostos, por vezes debatidos e/ou pensados por parte da população, estes processos tratam de inverter o abandono da arquitectura e transformar o cinzento da cidade.

Depois de entrevistar actores, utilizadores e especialistas que trabalham com o espaço público, retirando daqui opiniões convergentes e divergentes, julga-se que tão ou mais importante do que o resultado que fica nas paredes, deve ser tido em conta o impacto social dependente do processo produzido. É aqui que estas intervenções levantam maiores questões, mas também que apontam caminhos a explorar em propostas de design. Novas propostas que coloquem o foco nos valores sociais, no envolvimento dos participantes em verdadeiros actos criativos de desenvolvimento pessoal e social, que se transformem numa genuína forma de tomar conta e pertença de um espaço que é de todos.

15

A COR NA HABITAÇÃO SOCIAL

PERCURSOS DE DESCOBERTA

Cristina Pinheiro

Este artigo tem por base a dissertação de Mestrado em Cor na Arquitectura (FA-UTL, 2005), com o título – *A Gestão Da Cor Na Habitação Social – Lisboa Séc. XXI*.

O projecto de investigação pretendeu estudar os princípios que orientaram a aplicação da cor nas construções de habitação social de Lisboa.

O papel da cor na melhoria do ambiente urbano é importante nestas áreas com problemas sociais. A cor afecta o bem-estar das pessoas, tem efeitos físicos e psicológicos, e pode influenciar o comportamento e o equilíbrio emocional. Deve ter uma influência positiva nos utentes, contribuindo para a sua integração social, aceitação das novas habitações, assim como para o respeito pelas áreas exteriores. Neste contexto, a aplicação da cor deve ser conscienciosa, ter critérios que a fundamentem, assim como ser orientada por princípios baseados no conhecimento.

A investigação dividiu-se em dois momentos, em que numa primeira fase identificaram-se (até onde foi possível) as áreas e conjuntos de habitação social, a sua localização (vistas aéreas e mapas), assim como os autores dos projectos e registos fotográficos das cores. E, numa segunda fase, pretendemos perceber quais os critérios e fundamentos utilizados nas decisões cromáticas e na execução de planos de cor, por parte dos projectistas responsáveis, se a cor faz parte da fase conceptual dos projectos, e que princípios têm orientado a sua aplicação nos bairros sociais de Lisboa.

Para o efeito, utilizaram-se alguns projectos seleccionados do total dos conjuntos previamente identificados e realizaram-se entrevistas aos respectivos autores.

PORTO

HARMONIAS E MEMÓRIAS CROMÁTICAS NA CIDADE

Helena Soares

Este artigo, adoptando como linha central de investigação a linguagem da luz/cor no espaço-tempo da cidade do Porto, apresenta um estudo da cor no seu contexto de lugar. A investigação faz parte de uma dissertação de mestrado sobre *As Cores do Porto* (FA-UTL, 2008), onde cor e cidade foram simultânea e alternadamente foco e pretexto da investigação. Partindo da observação do lugar e da inventariação das cores encontradas procurou-se, através de abordagens históricas, sensoriais, culturais e plásticas, mostrar as harmonias e memórias cromáticas da cidade, estabelecendo a relação da cor com a imagem e identidade da cidade. Não podemos dissociar a identidade de um lugar da identidade da sociedade em que está inserida; e a cor, da mesma forma que a arquitectura e a paisagem natural, na sua capacidade de representar simbolicamente essa identidade, faz parte do património da cidade que devemos preservar.

Os centros históricos são lugares simbólicos por natureza que fazem parte da história e da memória colectiva da cidade. A sua arquitectura, para além de ser o suporte da cor, constitui um quadro de referência fundamental para o equilí-

brio psicológico e emocional dos seus habitantes. No Porto, as fachadas da habitação burguesa, pelos seus distintos traços histórico-arquitectónicos, têm um papel de destaque na definição da paisagem urbana, conferindo à cidade uma identidade muito específica que se baseia nas suas características de conjunto. Assim, nesta investigação explorou-se a evolução deste edificado habitacional, fazendo-se o levantamento dos seus materiais e cores, em três áreas urbanas, correspondentes à evolução da cidade até ao séc. XIX.

Na sua imagem, lembramos a cidade pela uniformidade na diversidade, onde o passado reafirma incessantemente a sua presença. Mas a força ambiental da cidade depende não só das presenças perceptivas das suas opções cromáticas, como também das características singulares da sua luz, céu, rio e mar. Assim, a investigação, resignificando a possibilidade de ver/ler a cidade através da cor, constata a identidade como um conceito evolutivo, onde as variações das suas cores, nas diferentes áreas de estudo, não afectam o sentido de pertença a esse lugar.

17

BAIRRO ALTO

PROPOSTA CROMÁTICA

Filipa Santos | Zélia Simões

A expressão da luz e da cor interfere na forma como a realidade é interpretada e permite ampliar a compreensão das representações e práticas de uma sociedade no meio. Estas expressões, que são inseparáveis e essenciais ao espaço urbano, conferem-lhe um carácter e identidade que se reinventa e transforma ao longo do tempo. Este artigo tem como objectivo apresentar uma reflexão sobre as materialidades e imaterialidades cromáticas, de iniciativa pública e privada, num dos centros históricos da cidade de Lisboa – o Bairro Alto.

18

A investigação conduziu a princípios de projecto alternativos e à adopção de duas vertentes metodológicas de intervenção. A primeira relaciona-se com o suporte de significados estéticos e linguísticos da cor e da luz no espaço urbano e arquitectónico ao longo do tempo, tal como propõe Lenclos e Lenclos e Nemcsics. A segunda relaciona-se com o conhecimento tecnológico da aplicação da cor e dos efeitos da luz.

Após a pesquisa de campo e a observação *in loco* das cores, dos padrões e das texturas existentes, elegeu-se um modelo que, segundo Raimondo consiste num plano-projecto de cor dos cidadãos. Este permite estabelecer uma estratégia de planeamento prepositiva e policromática, criando uma comunicação interactiva entre a norma e a realidade concreta perante cada contexto. Consequentemente, são estabelecidos esquemas de cor que articulam critérios múltiplos, nomeadamente, de influência geográfica, antropológica, cultural e social. A investigação permitiu constatar que é essencial adoptar uma metodologia de planeamento de luz e cor interdisciplinar que estimule a descodificação, a classificação e ordenação da envolvente, através do reconhecimento de relações de harmonia.

A COR NA CIDADE

QUALIDADES SIMBÓLICAS E AMBIENTAIS

Rui Barreiros Duarte

As cores enunciam sistemas de relações que articulam ambientes, referências culturais e materialidades sedimentadas ao longo dos tempos, agora também conjugadas com novos tipos de suportes e efeitos decorrentes de experimentalismos e investigações ambientais neste domínio. A alteração dos mercados, do gosto, da tecnologia, do tipo de produção e de procura, cria novas condições expectantes sobre a utilização da cor. Para evitar a casuística, devem existir critérios que identifiquem unidades morfológicas e tipologias cujas paletas de cores valorizem essas unidades. Assim, para além dos usos tradicionais, é necessário criar princípios que enquadrem esta matéria qualificando os conjuntos edificados, tendo em consideração a sua unidade cultural. O uso de materialidades locais deve ser valorizada como depósito no tempo da memória colectiva, enquadrando harmoniosamente variáveis que não ponham em causa o carácter e a legibilidade do conjunto.

Os cambiantes tonais variam e vibram de acordo com os suportes, pigmentos ou tintas criando harmonia, conferindo texturas e qualidades às superfícies, plasticidades que é necessário

explorar sob um olhar arquitectónico, pictórico e fotográfico. Há determinantes conceptuais que decorrem da antropologia cultural, dos mercados, do gosto individual e da sensibilidade, mas também é necessário controlar a aculturação e os efeitos nefastos que enunciam. Entramos no domínio da fenomenologia do gosto que abre o campo de possibilidades de intervenção que devem ser chanceladas pela adequabilidade da sua integração urbana. As intervenções cromáticas têm como interlocutor o homem social e individual, e possuem a qualidade de criar ambientes cativantes ou repulsivos, diferentes tipos de apropriação. Daí a sua importância fenomenológica e simbólica.

19

A necessidade social transcende uma aplicação meramente física, havendo um processo de significação para além do pragmatismo onde se envolvem as qualidades ambientais e a poética dos objectos e conjuntos urbanos. As cidades e a arquitectura são domínios privilegiados desta investigação. É necessário preservar o equilíbrio através duma unidade cromática que valorize os conjuntos urbanos significantes e articule edifícios idênticos, proporcionando um sentido unitário aos conjuntos.

ATMOSFERAS DE BELEZA MÍSTICA NA OBRA DE BARRAGÁN

Maria João Durão

Barragán declarou ser impossível entender a arte e a glória da sua história sem entendermos a espiritualidade religiosa e as raízes míticas do fenómeno artístico, graças às quais existem as pirâmides egípcias e as posteriores pirâmides maias, os templos gregos, as catedrais góticas ou as maravilhas do Renascimento ou do Barroco.

20 As atmosferas cromáticas de Barragán resultam da sensível interligação de memórias pessoais e colectivas dos ambientes ancestrais, míticos e ritualizados da arquitectura pré-hispânica, criada por arquitectos conhecedores dos corpos celestes e terrestres; da energia, dos topos, dos materiais locais e da simbologia da cor; da cor vernacular da arquitectura e dos artefactos populares. As suas viagens conferem-lhe permeabilidade à magia e ao mistério dos lugares, a que se junta a memória das atmosferas de luz e cor vividas na infância, que ele projecta nos seus monumentais planos tectónicos, de cor fundida em cada célula de superfície e de cada célula de atmosfera.

A sua trajectória artística procura criar beleza, magia, mistério, encanto, serenidade, silêncio, intimidade, enquanto a sua arquitectura é uma expressão de jogos de luz e cor, com as suas variações, mutações e metamorfoses. Mas a luz que interessa a Barragán é apenas acedida no plano do misterioso e do onírico: daí, que as atmosferas ganhem qualidades metafísicas.

Os espaços criados por Barragán espelham a necessidade, inerente ao ser humano, de atmosferas de conteúdo poético e de reencontro com o paraíso perdido: uma “nostalgia do Paraíso”, nas palavras de Mircea Eliade. Os seus espaços, ainda que sinestésicos, comunicam quietude, atemporalidade e ritmo, para o encantamento espiritual, fazendo dialogar a geometria e os materiais. E também desta forma ele continua a ancestralidade da tradição e das memórias colectivas, que assumiu para as transmutar na sua linguagem tão pessoal e intemporal.

AS CORES DA ETERNIDADE NA ARTE E ARQUITECTURA ISLÂMICA

Sarah Frances Dias

A arte e a arquitectura islâmica sagrada incorporam uma profunda espiritualidade, transmitida especialmente através do uso específico da geometria e da cor que, juntos, visam dar um corpo físico à luz. Após serem esclarecidos os princípios fundadores da religião islâmica (sendo aspectos fundamentais da sua espiritualidade definem também a sua arte e arquitectura), o artigo clarifica o significado espiritual da luz como a essência primordial a partir da qual toda a vida evolui, sendo símbolo último de Deus. A geometria é esclarecida como a estrutura dos corpos materiais, sendo considerado o sistema como Deus cria. E a cor é entendida através dos seus significados simbólicos, metafísicos e espirituais, e clarificadas as diferentes significações de acordo com a sua aplicação no espaço sagrado: expõe-se o seu simbolismo individual, as suas combinações duplas e as suas combinações policromáticas.

Assim, anunciam-se diversos princípios fundamentais, os seus significados metafísicos e espirituais e, por fim, dois outros exemplos são expostos como combinação dos vários princípios e significados estudados e anunciados. A investigação mostra que as cores, a geometria e a luz não são apenas três essências indivisíveis (que precisam de ser compreendidas como um todo), mas os meios essenciais através dos quais a espiritualidade islâmica se manifesta fisicamente como transcendência: cria-se uma atmosfera intangível que ultrapassa o mundo físico ao permitir que o ser humano habite no que é eterno.

21

NOVA METODOLOGIA DE PLANEAMENTO CROMÁTICO PARA MOBILIÁRIO URBANO

Margarida Gamito | Joana Sousa

Este artigo aborda uma pertinente aplicação de cor no mobiliário urbano, apresentando uma nova metodologia cromática, a qual permitirá que os elementos de mobiliário urbano se destaquem do seu meio envolvente, melhorando também a sua legibilidade e transformando-os em meios de identificação que beneficiarão a orientação dentro das cidades.

O desenvolvimento e implementação da nova metodologia, que ainda está em progresso, permitirá a determinação, com uma abordagem científica mais rigorosa, de planos de cor para mobiliário urbano como uma estratégia para realizar um projecto de design melhor e mais inclusivo, contribuindo também para a identificação dos bairros da cidade e orientação dos seus utilizadores.

A nova metodologia desenvolver-se-á através de uma pesquisa activa, focada em casos de estudo que incluem duas municipalidades dos arredores de Lisboa: Loures e Oeiras. Em cada uma delas foram escolhidos três aglomerados populacionais com diferentes especificações e, em cada um deles, foram definidas áreas de amostra englobando as zonas mais representativas onde se aplicou a nova metodologia a todos os elementos de mobiliário urbano, com o propósito de incrementar a sua potencialidade como uma questão relevante para o planeamento cromático da cidade.



